

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	28000	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	15300	N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros 16500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 37

1 DE JULHO 1879

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Viagem atravez d'África Austral pelo major Serpa Pinto, ALBERTO CERVAES — Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, R. — As nossas gravuras — Ensaio e noticias scientificas, Constituição Phisica do Sol, H. DE MACEDO — O romance d'un drama, SERGIO DE CASTRO.

GRAVURAS. — Edificio da Typographia Nacional cedido pelo governo brasileiro para a Exposição portugueza no Rio de Janeiro — O major Serpa Pinto dias depois da sua chegada ao Transvaal — O major Serpa Pinto depois de ter atravessado a Africa desde Benguella — Medalha conferida ao major Serpa Pinto

pela Sociedade Portugueza Serpa Pinto de Pernambuco — Conferencia do major Serpa Pinto no Salão da Trindade em a noite de 16 de junho de 1879 — Mappa de parte d'África Austral tal como antes da exploração do major Serpa Pinto — Mappa hydrographico da Africa Austral, visjens de Livingstone, Cameron, Stanley e Serpa Pinto; territorios explorados pelo major Serpa Pinto.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa n'este momento está quasi toda recolhida no Lazareto, e nós que ainda nos acha-

mos em liberdade, não podemos affiançar que lá não estejamos tambem amanhã.

A auctoridade sanitaria tem sido tão sollicita em esconjurar o germen do vomito negro, quanto foi condescendente em o deixar estabelecer á beira do Tejo, mirando a face no transparente christal do rio. Tambem era este o unico meio de que a referida auctoridade podia lancar mão para ver o seu nome elogiado nos jornaes. Se por ventura ella uma vez por outra não deixasse desembarcar no caes de Belem a febre amarella, não tinha nunca occasião de a combater, e portanto de receber os encomios que os noticiarios nunca

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879



EDIFICIO DA TYPOGRAPHIA NACIONAL, CEDIDO PELO GOVERNO BRAZILEIRO PARA A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO

(Segundo uma photographia de Marc Ferrez)

deixam de dispensar ao zelo comprovado dos fiadores da saúde publica. O que se vê claramente é que o Tejo está com uma vontade extraordinária de ser Ganjes por algum tempo!

Os trovadores nacionaes tanto o embalarão com as suas trovas, tanto o bafejaram com as suas brizas, tanto o regaram com as suas lagrimas, que o desgraçado rio, já farto do pallido luar, e do pingo do nariz que o firmamento e os bardos derramam constantemente sobre elle, envergonhado do seu papel piegas, resolveu emancipar-se da tutela romantica, pespegando uma perniciososa nos que d'ora ávante vão chorar as suas maguas junto d'elle.

Todo o desejo do Tejo, hoje em dia, é que o sr. Thomaz Ribeiro, nas novas edições dos seus versos, modifique os seus desejos, fazendo a seguinte variante n'uma passagem conhecida de todos os que frequentam as praias e os piannos;

Um frasco de quinino, um barco sobre o Tejo

Se tal é como julgo o intento do Tejo, não lhe queiramos mal por isso, pois que a verdade é que o Tejo no fundo foi sempre realista, profundamente realista.

Metta-se o leitor n'elle e verá.

E em quanto á febre amarella confiemos em que ha á beira-mar uma Providencia que sob o aspecto de um Lazareto vela sobre os destinos da cidade guardando no seio os mais genuinos exemplares do vomito negro, que por ventura aos mortaes é dado exigir d'um pantano de cristal.

— Depois da epidemia com que encetámos a chronica, a epidemia dos congressos é aquella que traz mais sobresaltados alguns animos.

Para o anno proximo annunciam-se já tres, fóra algum outro que se lembre de vir fazer o seu kilo scientifico entre nós.

Teremos o congresso postal, o congresso archeologico e o congresso litterario.

O convite a este ultimo foi amavelmente feito em Londres pelo sr. commendador Corrêa Leite, representante das letras patrias no estrangeiro.

Muitos orgãos da opinião teem nos ultimos dias lançado ao ar interrogações importunas, querendo saber com que titulos o commendador Corrêa se apresenta em nome das letras patrias a convidar para nossa casa uma assemblea tão respeitavel e ao mesmo tempo tão fantastica como a que na capital da Inglaterra se banquetou ha dias n'um agape fraternal de varios relatorios.

É ser exigente de mais. O illustre commendador apresenta já um titulo indiscutível á nossa consideração: é o de não ter escripto nunca. Se o houvera feito, teria porventura deixado um documento irrefragavel de que se não é impunemente commendador. Assim, deixa-nos simplesmente a todos a grata illusão de que se ainda não traçou uma epopea, é porque de todo em todo não tem querido, porque não tem estado para isso, porque tem tido mais que fazer.

No anno seguinte veremos pois entrar o congresso litterario por Lisboa dentro, de braço dado com o seu confrade e commendador, que modestamente o conduzirá ao largo do Loreto explicando-lhe que a estatua que alli se vê erguida, não é propriamente elle commendador Corrêa, mas sim outro de não tanta nomeada, mas apresentando como titulos á consideração dos portuguezes o facto de ter escripto os *Lusiadas*.

Em quanto ao congresso archeologico, o governo já separou para despesas de recepção vinte contos de réis, ou tanto seja dois contos de réis diarios, visto o congresso demorar-se apenas dez dias em Lisboa.

Até aqui tratando-se d'archeologos toda a gente nutria a illusão do que este genero de sabios fosse d'uma simplicidade toda primitiva nos seus habitos, não admittindo que para o almoço, por exemplo, lhe servissem outra coisa senão bifés de mastodonte authenticos — da Beira, ornados de sílex ou de quaesquer virtualhas do período terciario.

O acto do governo lança n'um momento por terra as gratas illusões em que as almas in-

genuas se embalavam ha perto d'um anno. Os archeologos, em vez de pernoitarem no poço d'Aljustrel, parecem estar resolvidos a ir dormir para o hotel de Bragança, e em vez de saciarem a sua gula no esqueleto do homem peristhorico, estão decididos a saciarem-n'a em vulgares perús das modernas edades!

É realmente triste e sobretudo — caro!

As diversões ao ar livre principiaram a ser o unico alimento espiritual das familias, devidamente condimentado com os fogos de artificio que entre nós constituíram uma solida reputação á pessoa do pyrotechnico José Rodrigues, indubitavelmente o portuguez que no presente seculo tem feito mais bulha.

Sobretudo depois da invenção das bombas de dinamite.

— A preocupação geographica esmoreceu um pouco. Entretanto os contemporaneos começam a dar aos feitos do *nosso illustre explorador* as solemnes consagrações que nunca deixam de dispensar a quaesquer committimentos excepcionaes.

Ha poucos dias entravam dois sugeitos muito nossos conhecidos n'uma confeitaria da rua dos Capellistas e pediam qualquer coisa que se comesse.

O caixeiro aproximando-se de um d'elles, pondera-lhe cortezmente:

— Olhe, se os senhores se querem demorar um quasi nada, os *Serpas Pintos* estão por um instantinho a sair do forno...

Aquelle a quem o creado se dirigira esteve a ponto de desmaiar. Elle que fazendo a travessia d'Africa escapara de ser comido pelos selvagens, estava na propria patria em risco de ser devorado por si mesmo!

Aguarda-se d'um momento para o outro o segredo do Cubango posto em mazurka, unica maneira de poder ser dançado nas cazas particulares.

GUILHERME D'AZEVEDO.

VIAGEM ATRAVÉS D'AFRICA AUSTRAL

PELO
MAJOR SERPA PINTO

O EXPLORADOR E A EXPLORAÇÃO

I

Toda a imprensa estrangeira celebra a viagem extraordinaria que um portuguez acaba de realisar com tanta coragem e tanta felicidade através d'Africa. O major Serpa Pinto é já agora um nome celebre no mundo e celebre por um feito que, antes d'elle, e com os intuitos que o dirigiam e os resultados scientificos que elle obteve, só poderam praticar mais tres homens.

Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto nasceu aos 20 de abril de 1846 na freguezia de Tendaes, concelho de Sinfães, no districto de Vizeu.

Em 1848 partiu com sua familia para o Brazil, onde esteve seis annos.

Em 1858 entrou para o collegio militar, e em 13 de agosto de 1863 sentou praça no regimento de infantaria n.º 7. Era alferes em 11 de junho de 1864.

Em maio de 1869 offerencia-se para fazer parte da columna que ia atacar, nas margens do Zambeze, o rebelde Bonga. Era então Serpa Pinto tenente.

Commandava a expedição o sr. Tavares de Almeida.

Dobrou ella o cabo da Boa Esperança, correu pela costa occidental e entestou com a barra de Quilimane.

Pela parte do norte, mesmo á entrada, estendendo-se para o mar, fica a Ponta de Tangalane. Foi ahi que um barco poz em terra o sr. Serpa Pinto e o sr. conde de Bomfim, engenheiro da expedição, com mais dois homens. Deviam construir um acampamento. Mas o tempo tornou-se de repente tempestuoso, e o navio teve de sair da embocadura do rio dirigindo-se para Moçambique.

Foi por isso que o sr. Serpa Pinto, o sr. conde de Bomfim e os dois soldados tiveram de viver cinco dias, abandonados, n'aquella Ponta

deserta, sem recursos alguns, sustentando-se dos carangueijos que o mar lhes levava.

Só ao fim de cinco dias, como ninguem apparecesse em Tangalane, se decidiram os quatro abandonados a subir no barco, que lhes haviam deixado, até Quilimane.

Eis o modo aventureiro porque debutou em Africa o que havia de ser, dez annos depois, um dos heroes da sua exploração.

Está por escrever ainda a historia curiosa das guerras de Portugal contra o celebre Bonga. O auctor d'este artigo, que conheceu muito de perto testemunhas oculares dos successos, possui, para ella, documentos importantes.

O sr. Serpa Pinto, commandante dos cipaio da columna de ataque, tomou n'esta campanha, de resto pouco feliz, uma parte notavel. É principalmente pelo sr. Tavares d'Almeida que sabemos do seu bello comportamento nos combates de 23, 24 e 25 de novembro.

Na noite de 25 tornou-se forçoso retirar do campo de Massangano. Diz o sr. Tavares d'Almeida que foi Serpa Pinto que pela sua dedicação conseguiu salvar o general da columna de ataque e uma parte do batalhão da India a que o resto da expedição recusava dar transporte.

Nos conselhos de guerra, de que Serpa Pinto fez parte, foi sempre do parecer de se aprovisionarem em Tete para voltar contra o inimigo a-debelal-o. Mas a sua opinião não foi ouvida e o grosso da expedição retirou, como se sabe, descendo o Zambeze.

Dirigindo-se então a Moçambique, mas arrastado em sentido contrario pelo tempo, visitou Inhambane e, acompanhado dos srs. João Eduardo Ribeiro e João Leforte, percorreu, caçando antilopes, uma parte proxima do interior.

D'ahi voltou a Quilimane, subiu o Zambeze e o Chire, — o rio que communica aquelle com o Nyassa dos Maraves, — até Chibissa junto das grandes cataractas. Acompanhava-o o celebre caçador inglez Harry Folener.

Estava Serpa Pinto em Moçambique quando a cholera devastou a cidade. Então, com o sr. Augusto de Castilho, fez uma viagem ás ilhas Camurus, ás Almirantes, ás Seichelles, passando d'ahi á India e a Gôa.

A linha convencional que se adoptou no mappa junto, para indicar a viagem de travessia do major Serpa Pinto, traçou-se igualmente em todos os pontos d'Africa que em outras epochas elle percorreu.

Em 1871 voltou á Europa, passando a servir, sem pedir nunca collocação especial, nos corpos que guarneciam os pontos mais diversos do paiz: — Infantaria 9 em Lamego, caçadores 6 em Leiria, caçadores 10 em Angra, caçadores 12 no Funchal.

Estava n'esta ultima cidade ao tempo da viagem do inglez Cameron a-travez d'Africa, de Zanzibar pelo Tanganica até ao Bihé e a Benguella.

Muito ligado então com um dos mais distinctos e estudiosos officiaes do exercito, o sr. Daniel Simões Soares professor de mathematica, combinou com elle uma viagem de exploração á Africa Austral que chegou a formular-se em termos de exposição ás camaras e ao governo e a enviar-se a um dos deputados das nossas colonias. Passaram-se estes acontecimentos quando ainda a Commissão permanente de geographia não estava formada. Mas o deputado colonial esqueceu-se, ao que parece, de apresentar o projecto e só tempo depois, quando já Serpa Pinto era capitão de caçadores 4 em Tavira, é que o sr. Andrade Corvo levou ás camaras o projecto de exploração que com effeito se realisou.

Apresentou-se então Serpa Pinto, como em 1869 se apresentára para a guerra da Zambézia, inflammado pelo seu amor das aventuras, dos perigos desconhecidos e pelo desejo de collocar Portugal a par das nações que, pelas suas descobertas modernas, haviam esquecido as nossas antigas façanhas. Não pediu segundo nos consta, Serpa Pinto, vantagens ou recompensas: Nem com effeito se comprehende que um homem, para alcançar o que com tanta

facilidade se alcança atravessando o Chiado, vá atravessar a Africa Austral.

Então o sr. Andrade Corvo e um dos homens a quem mais deve o actual movimento de interesse e estudo por as nossas coisas colonias, o dr. Bernardino Antonio Gomes, encarregaram os srs. Serpa Pinto e Hermenegildo Capello, um dos outros exploradores que ainda se acham em viagem, de irem a Paris organizar o material de estudo que devia servir á expedição. D'esta commissão se desempenharam no periodo curto de 19 dias.

II

Fallemos agora da exploração.

Não fez conhecer ainda o major Serpa Pinto todos os resultados importantes da sua viagem. Os volumes do seu diário não podem deixar de estar cheios de factos interessantissimos sobre os costumes e o caracter dos povos com que esteve em contacto; assim como os seus registros estão cheios de valiosas observações meteorologicas. As colleções botanicas e zoologicas que colheu ainda não chegaram a Lisboa, e do seu exame vae resultar sem duvida luz sobre muitos dos problemas que a respeito de Africa ainda esperam solução.

Reunamos em primeiro lugar n'um quadro o que o viajante nos revellou, esboçemos a phisionomia d'essa larga região com as linhas e as côres que o explorador já forneceu ao publico, para depois pesarmos bem o valor da exploração.

Contou o sr. Serpa Pinto, na sua segunda conferencia em sessão da Sociedade de Geographia como, cansado e doente, entregou os seus livros a dois amigos, os srs. Angelo de Sarrea Prado e Jayme Batalha Reis, a fim de que estes podessem traçar o primeiro mappa correcto da sua viagem.

É uma copia d'esse mappa, a primeira estampada e publicada que apparece, que hoje o OCCIDENTE tem a fortuna de offerecer aos seus leitores.

É esse mappa, segundo nos informam os seus dois auctores, apenas um resumo em pequena escala dos mapps já calculados e d'aquelles que com as observações do sr. Serpa Pinto podem ainda formar-se, os quaes, todos, minuciosos, completos, devem encontrar-se no livro valiosissimo que o explorador vae em breve publicar.

No mappa cuja publicação o sr. Serpa Pinto nos fez a honra de auctorisar, houve principalmente a intenção de representar o interessantissimo systema hydrographico que elle estudou. Todos ou quasi todos os rios e lagos que o illustre viajante determinou, ou de cuja existencia soube por informações fidedignas, vem marcados no mappa que publicamos com as suas denominações indigenas. As raças africanas sobre cujos costumes e caracteres o diário do sr. Serpa Pinto é tão rico de observações, tambem estão no mappa, segundo indicações do viajante, marcadas pela area a que pouco mais ou menos se estendem.

III

A zona que fica a 12' ao sul do Equador, — desde o plateau, no alto, onde veem terminar as vertentes alcantiladas ao Oceano Atlantico, até ao sul dos montes que ficam por baixo do lago Bangaolo, — é uma região particularmente interessante. Alli nascem todos os rios mais importantes da Africa Austral.¹

Um, como por exemplo o Quanza, o Québe e o Cunene vão a oeste para o Atlantico em pequenos rodeios. Outros como o Cassabi, o Congo, Lualaba — ahi chegam só depois de receberem aguas da enorme extensão de terras que vae desde as encostas do macisso montanhoso que rodeia os grandes lagos, pelo equador, n'uma acção que se faz sentir, já na Africa boreal, até perto do Nilo, e até perto do Ogovai.

Outros como o Cuando, o Lungo-é-ungo, o Liba, o Liambai, o Luengué ou Cafugué, o Aruangoa (junto ao Zumbo) que todos se enfeixam n'um só rio o Zambeze, e que, com este

nome, que para os portuguezes se troca ainda pelo de rios de Senna, vão entrar no mar das Indias.

Outros emfim como o Cubango e os seus afluentes vão para o sul encher a escavação larga mas pouco profunda do Ngami e perder-se mysteriosamente nos sorvedouros dos Macaricaris ou nos haustos vaporizadores da atmospheria do Calaari.

Em toda esta região, demonstra-o d'um modo curiosissimo o mappa do sr. Serpa Pinto, — os diversos rios nascem na mesma linha, uns entre os outros, cruzando as suas nascentes. E todo o terreno é plano, chato, levemente ondulado, sem montes que dividam definitivamente as aguas, tendo por isso estagnações vastas, extensões pantanosas que ás vezes, nos transbordos que as chuvas produzem, confundem as origens e obscurecem as observações dos viajantes.

Na hydrographia do mundo é esta a feição particular da Africa. Já factos destacadados o haviam mostrado. Nas relações por exemplo que existem entre o Liba e os afluentes do Congo Levingstone vio dois rios sairem em direcções oppostas do lago Dilolo, e Cameron observou, junto d'este, as origens dos rios occultas sob as aguas d'um mesmo pantano. Mas nunca esse caracter especial se tinha demonstrado com a generalidade com que as descobertas de Serpa Pinto agora o apresentam.

D'um lugar de poucos metros quadrados de superficie, quasi horizontal, *Cangala* (12 lat. e 18 long.), saem quatro rios para diferentes mares ou lagos. Em poucos minutos se pôde beber agoa de todos elles.

Não ha na divisão das correntes dos diversos rios que correm do 12.º paralelo elevações importantes. As altitudes observadas e os perfis que com estas se podem construir são relativamente insignificantes.

N'esta região chata, o rio que corre ao longo de toda ella, o Lungo-é-ungo, é por isso mais que os outros rodeado dos encharcamentos que a caracterizam.

Foi n'ella que Serpa Pinto, privado quasi de caça, vendo, de espaço a espaço, quasi que apenas as tartarugas a que os negros chamam *catumbeus*, passou as maiores fomes da travessia.

Ao sairem dos pantanos os rios d'esta parte d'África são a principio uma pequena fonte, um fio d'agoa que se pôde ver correr entre os pés. Mas, a pequena distancia, a corrente alarga; e, quasi repentinamente, sem que se veja tributarios, essa corrente apparece mudada n'um vasto rio onde as canoas navegam á vontade.

O Cuando é o nome d'um dos principaes braços do Zambeze. É o que vem mais a oeste buscar agoa para o grande rio. Na embocadura chamou-lhe Levingstone «Chobe», de um nome que os Macololos vindos do sul lhe davam.

É elle o que forma a principal arteria da região que fica entre a bacia do Congo e a do Calaari e que constitue uma das principaes determinações de Serpa Pinto.

Elle e os seus tributarios — Cueimbo, Cueia, Caungo, Dima, Luengue, Cubangui, Cuchibi, etc. — são totalmente navegaveis.

Abaixo porém do ponto em que o Cuando entra no Zambeze este rio tem ainda Moso-oa-tunia, a cataracta enorme. Mas não é grande a distancia por terra, que Levingstone seguiu na sua viagem, até á embocadura do Cafuque ou Luengué que é tambem um consideravel braço navegavel que pôde levar o viajante até á fonte do Rio Lualaba e, por este, até ao norte do Equador, até aos grandes lagos, até ao Velle e ao Nilo para leste, até ao Ulima e Ogovai para oeste.

Sobre o Zambeze, ou antes sobre o Liambai, estudou Serpa Pinto mais de 70 cataractas.

De todas a mais formosa, diz elle, é Gonha, a *Gonye* de Levingstone. As quedas d'agua que são numerosas, estão como que dispostas em amphitheatro.

As maiores alturas de que ellas se despenham são de 15 a 16 metros, e d'ahi se desprendem

pulverisações luminosas que tornam o ar mais luminoso e radiante em volta.

Mas a mais terrivel é Moso-oa-tunia que os leitores do OCCIDENTE já conhecem, onde a agua em catadupas de 120 e 180 metros cortadas a pique no basalto, resalta em columnas para o firmamento, tornando-o sombrio, tenebroso, ennevoado.

Esta região é deserta.

O rio, que já antes das cataractas se apresenta cheio de rochedos, é innavegavel, a não ser com grandes perigos.

Mas um dos pontos mais curiosos do systema hydrographico d'esta parte d'África é o que o destino do Cubango revella.

Não tem este rio a menor ligação com o Cunene que lhe fica a oeste. A região entre os dois rios não tem mesmo agua potavel, e d'ella por isso se apartam as caravanas em viagem. Os bihenos, os grandes viajantes-mercadores da Africa austral, descem e sobem pelo Cubango até e desde o Ngami, e sabem bem que nenhum braço vae para o occidente.

Tambem o Cuando, em toda a grande extensão da primeira parte do seu curso, não tem relação com o Cubango. As altitudes do territorio ao sul e sudoeste d'elle, estão de accordo com as informações unanimes dos indigenas, colhidas muito perto do problema que se queria resolver.

O Cubango vae pois ao Ngami, mas de passagem, espraçando-se n'este ponto e formando um lago que por outro lado se despeja n'um segundo rio, o Botletie, que tendo uma ligação com o curso inferior do Cuando, chega emfim ao grande Macaricari.

O grande Macaricari é o facto extraordinario e interessante entre todos os d'estas regiões d'África austral:

Uma enorme depressão no terreno se vê, já de longe, branquejar. Em volta as terras não são muito mais elevadas e, sobre tudo para o sul, a vista alarga-se por a vasta extensão uniforme e quasi horizontal do deserto de Calaari. Essa grande depressão, que está a alguma distancia rodeada por outras menores da mesma natureza, acha-se ás vezes completamente secca, e então está coberta por uma camada de alguns decimetros de espessura, de depositos salinos em que predomina o chloreto de sodio, mas em que ha tambem saes calcarios e de potassio. Outras vezes a agua enche e cobre a depressão sem que nunca a sua altura possa ser grande.

É aqui que desaparece o Botletie que traz o Ngami, que traz o Cubango. É aqui que vem sumir-se o rio Nata que é consideravel, e é aqui que veem acabar tambem — poderiamos dizer «seccar» — os outros afluentes — o Simuani, o Lilate, o Cusliba.

Para que o rio Nata acabe, basta, entre a sua larga corrente, e as accumulações salinas quasi seccas, que a areia apresente umas ondulações pouco elevadas.

A evaporação d'este excepcional clima, e a porosidade especial do terreno solto, podem explicar completamente o phenomeno. O sr. Serpa Pinto suppõe que o tempo durante o qual na epocha das grandes chuvas, os saes espessos levam a dissolver-se, determina a demora da agua enchendo o grande Macaricari. Em seguida, aberta a communicação com a terra, a agua afunda-se pelas areolas soltas do deserto que vão aumentando as superficies evaporantes, ou que vão deixal-a passar por infiltrações longiquas para algum curso d'agua mais distante.

Em março d'este anno o sr. Keith Johnston publicou uma grande carta d'África construida sobre o que se sabia a esse tempo de mais certo a respeito do continente africano.

D'essa carta damos hoje, na parte que nos importa, uma copia. Basta olhar para ella, quasi toda em branco de resto, basta comparal-a com a do sr. Serpa Pinto, para comprehender immediatamente a importancia das determinações hydrographicas do viajante portuguez.

Voltaremos a estudar este ponto.

(Continúa.)

ALBERTO DE CERVAS.

¹ Para a completa intelligencia da materia d'este artigo re- de-se ao leitor para seguir no mappa junto todas as indicações de logares.



O MAJOR SERPA PINTO DIAS DEPOIS DE ESTAR NO TRANSVAAL — TRAVESSIA DO TRANSVAAL AO MAR DAS INDIAS

(Segue de uma photographia de DURBAN)



MEDALHA CONFERIDA AO MAJOR SERPA PINTO PELA SOCIEDADE PORTUGUEZA SERPA PINTO DE PERNAMBUCO

O MAJOR SERPA PINTO AO CHEGAR AO TRANSVAAL DEPOIS DE TER ATRAVESSADO A AFRICA DESDE BENGUELLA (Segundo uma photographia de PRETORIA)

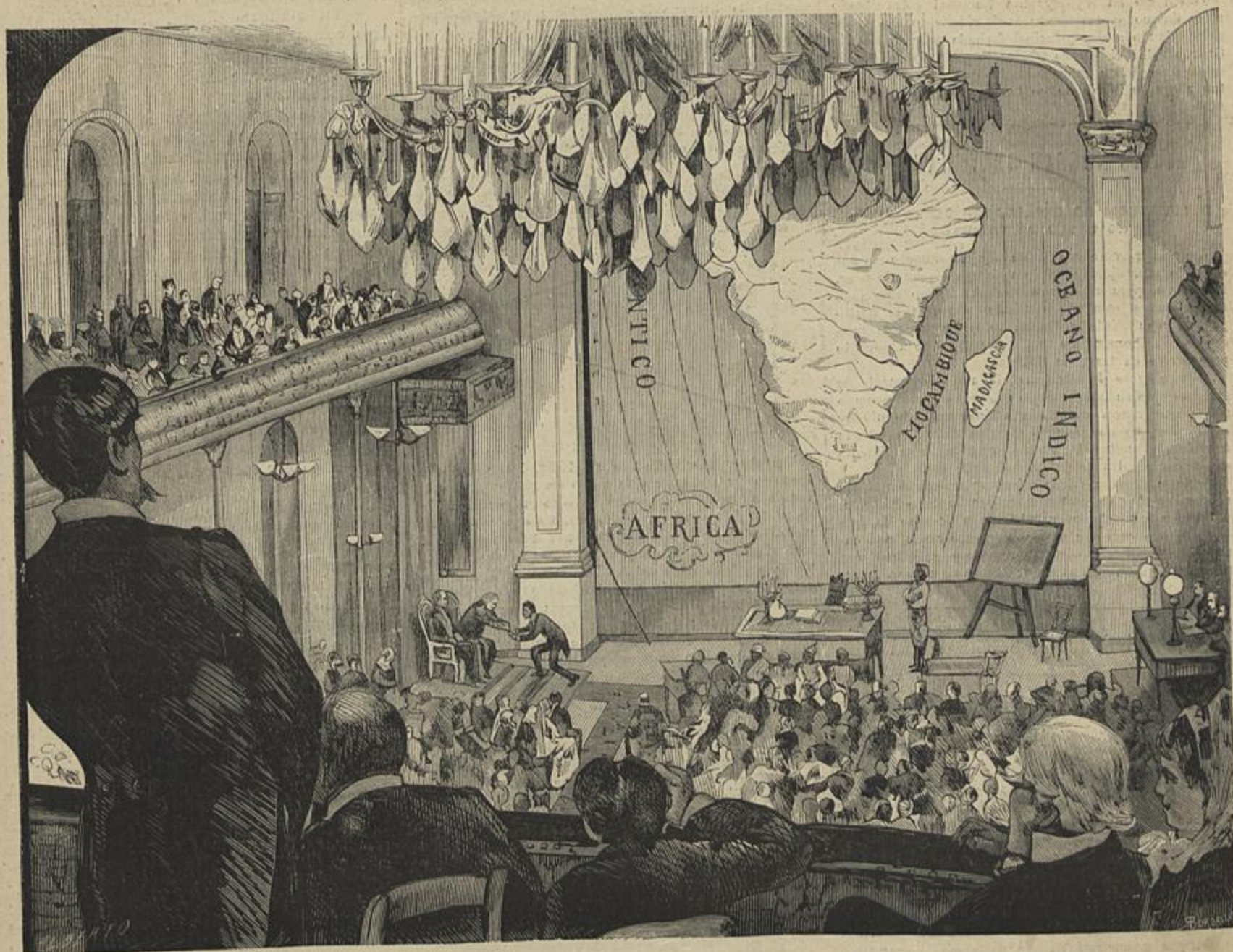
EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

RIO DE JANEIRO

Dentro em poucos dias vaе abrir-se na capital do Brazil a exposição agricola e industrial empreendida pela Companhia Fomentadora da agricultura e indus-

tria portuguezas, e destinada certamente a alcançar vantagens praticas e positivas como nenhuma outra exposição até hoje tem conseguido para o nosso paiz. O Brazil é a nação a que no mundo nos prendem mais profundos interesses, aquella a que mais estamos ligados pelos laços do parentesco historico e da communitade das tradições e da linguagem, sobre ser o primeiro mercado dos nossos productos agricolas e industriaes. Fazer tudo quanto seja possivel para alargar o

nosso commercio moral e mercantil nas vastas regiões do Cruzeiro, é indiscutivelmente trabalhar a bem dos interesses communs dos dois povos, radicando e tornando mais firmes os laços de confraternidade que hoje nos prendem ao grande imperio americano. A Companhia Fomentadora é digna portanto do reconhecimento nacional, pois que se os seus interesses materiaes são problematicos, não se pôde aventurar outro tanto das vantagens immediatas que o commer-



A CONFERENCIA DO MAJOR SERPA PINTO NO SALÃO DA TRINDADE EM A NOITE DE 16 DE JUNHO DE 1879 Acto de receber das mãos d'El-rei D. Luiz a medalha da Sociedade Serpa Pinto de Pernambuco. (Apontamento feito na occasião por R. Bordallo Pinheiro.)

cio e agricultura de Portugal vão tirar desde já d'este novo estímulo imprimido ao nosso commercio nas vastas regiões d'além mar.

Na camara dos srs. deputados, o governo transacto havia tomado a iniciativa d'um subsidio pecuniario a esta companhia, subsidio que chegou a encontrar alguns impugnadores e que por motivos de ordem politica, e em consequencia do encerramento immediato da sessão não chegou a ser votado.

Quando se considera as largas dotações votadas a favor de tantas exposições realizadas no estrangeiro, dotações que mal tem chegado para remunerar um pessoal de ordinario tão luxuoso como inutil, alcançando na maioria dos casos para o nosso paiz mais artigos laudatorios pagos, do que resultados praticos e positivos, chega-se a lamentar a injustiça com que os representantes da nação esqueceram de proteger esta tentativa de tanto alcance economico. Ainda não é tarde porém. Devemos esperar que o exito obtido pela exposição do Rio de Janeiro faça entrar os governos no bom caminho, não dependendo em meras utopias o dinheiro que tão bem podia auxiliar alguns salutaes empreendimentos de que tanto carece o nosso paiz.

De mais, a *Companhia Fomentadora* levando ao cabo a sua tarefa, sem a intervenção official, terá mais uma vez provado cabalmente a perniciosa influencia que para todas as empresas uteis advem da intervenção hybrida do estado. Dará um exemplo que a iniciativa particular não fará mal em aproveitar no futuro.

Debaixo d'este ponto de vista o retrahimento official pôde até chegar a ser uma inspiração da providencia.

A nossa gravura da primeira pagina representa o edificio concedido bizarramente pelo governo brasileiro para n'elle se effectuar a Exposição. Este edificio é o da Typographia Nacional do imperio, construção magestosa, como se vê do seu aspecto, exterior e extremamente adequado pela sua situação e disposição interior para o civilizador certamen que no Rio de Janeiro se va effectuar.

Com a cessão d'este edificio concedeu o governo brasileiro a *Companhia Fomentadora* um larguissimo auxilio. Portugal deve-lhe por isso um justo reconhecimento.

O edificio da Typographia Nacional está situado n'um dos pontos mais centraes da cidade do Rio de Janeiro, dando a sua principal fachada sobre a rua da Guarda Velha. É de uma fabrica elegante, foi construido sob a direcção do engenheiro dr. Paula Freitas, e custou alguns milhares de contos ao governo do Brazil.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONFERENCIA DO EXPLORADOR SERPA PINTO NO SALÃO DA TRINDADE

A nossa gravura representa aquella situação em que o explorador ajoelha aos pés de sua magestade o sr. D. Luiz I, para receber a medalha d'ouro cravejada de brilhantes, com que o brindou a sociedade portugueza *Serpa Pinto* instituida pelos portuguezes residentes em Pernambuco, em testemunho de admiração pelo arrojo da travessia d'Africa.

N'outro lugar do OCCIDENTE fallamos largamente do glorioso empreendimento do sr. Serpa Pinto, narrado n'esta conferencia com toda a singeleza pelo illustre explorador, na noite de 16 do mez ultimo, assistindo á preleção muitas das nossas principaes notabilidades das sciencias, das artes, da industria, etc.

A nossa gravura é feita sobre um *croquis* desenhado expressamente para o OCCIDENTE por Bordallo Pinheiro.

N'outro lugar damos igualmente o desenho da medalha d'ouro com que os nossos compatriotas, residentes longe da patria, vieram pressurosos galardoar este feito que tanto honra as tradições do nome portuguez.

ENSAIOS E NOTICIAS SCIENTIFICAS

CONSTITUIÇÃO PHISICA DO SOL

II

DISTANCIA DO SOL Á TERRA

(Continuado do n.º 35)

* Posta por esta fórmula a importancia do problema, exponhamos algumas considerações sobre a natureza d'elle que melhor nos levarão a apreciar as difficuldades da sua exacta solução.

Á primeira vista, e considerado o problema na sua maior simplicidade, affigura-se-nos ser elle um d'aquelles cuja solução natural facilmente deriva das theorias da sciencia geometrica na sua parte mais elementar. Effectivamente, apreciado elle sob o ponto de vista exclusivamente geometrico equivale á simples deter-

minação da distancia de um observador a um ponto inacessivel. O problema real, porém, o problema astronómico a que nos vamos referindo, não se apresenta assim despoído de quaesquer condições phisicas, nem nos é licito pôr estas de parte em qualquer tentativa ainda que grosseira para o resolver, e, se ha ainda muito, como diz Proctor, quem se maravilha de que os astrónomos ainda não lograssem supplantar uma difficuldade aparentemente das mais elementares da astronomia, muito quem considere feia nodoa na pura fama da sciencia astronomica os erros e differenças de milhares de milhas que distinguem as successivas avaliações da distancia solar, mais maravilhoso nos parecerá, á medida que melhor nos formos penetrando das verdadeiras difficuldades do assumpto, que se reputassem simplesmente possiveis taes estimativas.

Procedamos por comparação para melhor nos fazermos comprehender.

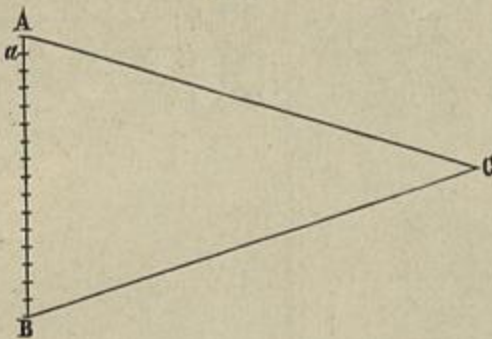
Se imaginarmos o globo terraqueo representado por uma esphera de 3 centímetros de diametro (aproximadamente o de uma moeda de 10 réis) as dimensões do orbe solar serão relativamente representadas pelas de uma esphera de 4^m.5 de raio e a sua distancia á terra, em qualquer dos pontos da sua orbita, por um comprimento não inferior a 350 metros. A simples consideração de taes numeros dá uma primeira bem que imperfeita noção da difficuldade do problema a resolver. Incompletissima, porém, porque devemos acrescentar-lhe as que resultam da differença dos observadores, dos instrumentos e das condições de observação, das suas differentes causas de erros, do facto de serem taes observações feitas de pontos (os do globo terrestre) constantemente arrastados em volta do objecto observado por duas especies de velocissimo movimento (o movimento de translação e o de rotação da terra).

Isto posto, consideremos os differentes methodos successivamente empregados na resolução do problema que nos occupa, que ajuda os mais antigos falliveis e grosseiros terão, além do natural interesse historico a vantagem de nos manifestar praticamente os obstaculos que se oppõem á sua rigorosa solução.

D'entre estes methodos o que por sua ordem chronologica, por sua natureza puramente geometrica, se offerece em primeiro logar á nossa attenção é o da medida da distancia do observador a um objecto inacessivel.

Este methodo que applicado á lua pelos astrónomos dos mais remotos tempos, lhes deu apesar da fraqueza dos meios instrumentaes de que dispunham, resultados cujo erro não é superior a $\frac{1}{15}$ da verdadeira distancia lunar, é absolutamente inefficaz se tentarmos applical-o na medida da distancia da terra ao sol.

Vejamos o como e o porquê.

Fig. 1.^a

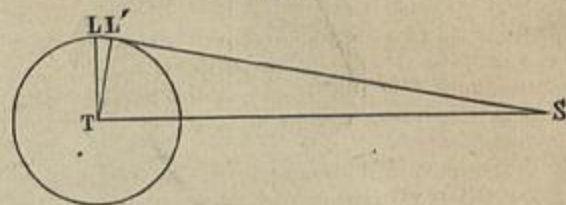
Um observador collocado em A (fig. 1.^a) e que pretende medir a distancia do ponto em que se acha collocado ao ponto inacessivel C, começa por medir a distancia do ponto A a um outro ponto accessivel B, e collocando-se successivamente nas duas posições A e B visiveis uma da outra e das quaes se suppõe visivel o ponto C, mede os angulos CAB e CBA, e o traçado graphico do triangulo ABC ou a sua resolução trigonometrica, dão-lhe a procurada distancia AC e ainda a distancia BC. No caso especial a que nos referimos, este methodo, caso fosse applicavel, daria a distancia do sol a duas estações terrestres.

É claro que quanto mais distante for o ponto C das duas estações AB tanto menor será o angulo ABC. Tratando-se do sol e de um observador collocado na terra, este angulo é tão pequeno que pôde reputar-se inapreciavel em relação aos meios instrumentaes que poderiam empregar-se na sua medida, e que as duas rectas AC e CB, apesar de terem na realidade em relação á recta AB uma differença de posição comparavel com as grandezas angulares ordinariamente apreciadas na moderna astronomia, se apresentam no traçado do triangulo ABC como parallelas e o ponto C a distancia infinita de A e B.

O defeito essencial do methodo é que a grandeza que indirectamente escolhe para incognita do problema é inferior aos erros que podem commetter se na sua avaliação.

Seguindo sempre a ordem chronologica historiemos a tentativa de Aristarcho de Samos, 200 annos antes da nossa era.

Este philosopho imaginou encontrar no differente grau de illuminação da lua pelo sol um meio de avaliar a distancia do sol á terra. Vejamos como.

Fig. 2.^a

Seja LL' (fig. 2.^a) a orbita lunar da terra e S o sol. É sabido que as phases lunares a que chamamos quarto crescente ou minguinte, se realisam quando os tres astros se acham em posições relativas taes que o angulo TLS de uma recta tirada da terra para a lua com a outra tirada da lua para o sol é recto.

(Continua)

H. DE MACEDO.

O ROMANCE DE UM DRAMA

(Continuado do numero antecedente)

Sentámo-nos.

— *Saint-Emilion!*

— Não temos.

— Selvagens, resmungou M.

— *Kermann?*

— Ambrosia do seculo XIX para um olympto provinciano.

— Bebamos o que vier, e conta.

— Escuta sem estremecimentos. Abysma no fundo do calix as tuas indignações ingenuas sobre a desmoralisação social, e fuma este charuto, que dura quanto o romance.

— Tu conheces Cintra. Lord Byron amou tres coisas na vida: as mulheres e o vinho, uma; os polacos, duas...

— E Cintra, tres...

— Exactamente.

Passa-se ali o primeiro capitulo, o prologo.

Como sabes, esta *coquette* tem os seus privilegiados: os que tem dinheiro para a gosar no seu bom ar vivificante, nas suas aguas naturalmente filtradas, purissimas, e n'aquella vida ociosa, que é um regalo de familiaridade, um grande salão campestre onde nem todos se conhecem mas onde todos se fallam e estimam, onde as etiquetas se esquecem e os pés andam á vontade, sem flagellações do bom tom, o massador incommodo e cheio de exigencias dificeis.

Foi ali que um filho da velha aristocracia, Alvaro de Mendonça, rico de pergaminhos e pobre de dinheiro, senhor de varios nomes e de muitas dividas, se enamorou de Emilia Azevedo, uma creança lindissima de 16 annos, uma primavera com o ceu doirado — o grosso cabedal do pae, accumulado pelo trabalhar de duas gerações burguezas, postas ao balcão em trafico quotidiano.

O ricasso estava gosando em Cintra uma commenda recente. Passeiava-a pelos montes, saboreava-a nos jantares do Victor, e montava-a nas cavalgadas desageitosas de um jumentinho de aluguer. E a filha, com a perspicacia finoria de um caixeiro educado n'um collegio aristocratico, sabendo o seu francez, cantando-o em arias apaixonadas e dançando-o em marcas dificeis, era o centro das attensões, dos desejos e dos calculos do romantismo.

E' sabido que o calculo invadiu a litteratura e a aristocracia. As quatro operações têm aberto muitos ceus de felicidade. E eu sei de muitos que chegaram á gloria pela somma. A totalidade é quasi sempre um paraíso.

Alvaro de Mendonça calculava admiravelmente. Tirou informações exactas. Recebeu cartas amigas, devotadas, com informações *fidedignas*. Altas horas da noite, quando o luar tinha suggestões doces, e infiltrava notas de poesia dolente, ferido pelo som das cordas mais intimas das serenatas bandoleiras, Alvaro retorcia os bigodes e fazia contas.

Ante gosava com delirios apaixonados a fortuna do velho Azevedo. Dividia-a e applica-

va-a. Montava-a em soberbos cavallos, e apregoava-se vencedor, com inveja dos amigos e elogios dos jornaes. Saboreava-a em magnificosinhos, e nas lagrimas tragicas das mulheres que se vendem, e que elle mordia e ironisava, com grandes modos extravagantes e saciados. Jogava-a commoções violentas, a uma dama de espadas, sua conhecida, que lhe sorria com promessas, e o atraia sempre, cynicamente.

E escrevia mil vezes a cifra redonda da fortuna. Olhava-a com consideração. Chamava-lhe nomes delicados, pandegos, ditos de sucia, graças de intimidade. E marchava para Paris, com ordens francas, a manobrar n'um largo campo sem fim, para saciar desejos, para amar com extravagancia, ao acaso, gosando sempre, mulheres e Champagne, tendo entrevistas debaixo do arco do Triumpho, por onde Bonaparte passára victorioso.

Os rouxinoes cantavam. Estendiam a sua voz gorgueada, formavam duettos, e Alvaro só deixava o Trovador pela arithmetica.

Escreveu um articulista do Figaro que Clemanceau, esse Gambetta com dois olhos naturais, sem ter nenhum de crystal, segue na politica a linha direita do funambulo, em exercicios acrobaticos de boa democracia — sem olhar para os lados, absorvido no ideal, que é o seu interesse, e aproximando-se d'elle pouco a pouco, com a paciencia do frade bernardo na illustração de um missal.

Alvaro de Mendonça tinha tambem a sua linha recta, por onde caminhava desembaraçadamente ao encontro da fortuna do burguez dinheiroso — a do cão damnado. Affastava os competidores, e ia direito ás vaidades do commerciante. Aprumava-se aristocraticamente, e mordida-o com lisonjas, com veneno de seducções, como sabe usar a importancia que se facilita, e que dá honra e consideração com a convivencia intima.

Explorava os pergaminhos herdados. Sabia desenrolar-os com utilidade. O plebeismo bur-

guez deslumbrava-se n'uma cegueira heraldica, e a educação collegial de Emilia enthusiasmava-se com os brazões, que sempre invejára ás companheiras, que fallavam d'elles com superioridade aristocratica.

Aquella geometria do amor aprendera-a elle no Chiado, quando, isolado na sua miseria orgulhosa, o mundo dos appetites lhe mostrava muito ao longe o eden da vida bem gosada, bem comida, bem enroupada, commoda.

Os seus modos superiores mostravam-se despretenciosos na adulação. Era um velhaco com boca de oiro. Sabia mandar os seus gestos e impor auctoridade ás palavras.

Tinha todas as prendas inuteis sem possuir nenhuma das necessarias. Cantava sem ter voz, recitava desprezando os versos, tocava sem comprehender, e era artista sem delinear ideal. Prompto para entrar em todas as emprezas, até sem pensar na sua realisação. O sim saia-lhe espontaneo como o sorriso dos labios da mulher.

Mas n'esta abstracção do seu organismo estava a força da sua seducção. E tinha o conhecimento positivo d'esta, que considerava como patrimonio da distincção da sua classe. E empregava-a na conquista das mulheres, de todas, em busca de uma.

Correspondia perfeitamente ao estado educativo do mundo femil da nossa epoca como um estadista se ajusta á tradição das instituições, e as dirige, e as domina.

O conjugio vos do ritual, dito com solemnidade e á hora em que as estrellas ainda se não tinham deitado, n'uma capella aristocratica, emprestada, e ornamentada com magnificencias apparatusas, deu á cerimonia um tom de importancia orgulhosa, para contentar.

(Continua.).

SERGIO DE CASTRO.

BIBLIOGRAPHIA

CONTOS POPULARES PORTUGUEZES, colligidos por F. Adolpho Coelho. — Vac-se apagando dos costumes populares, nomeadamente nas cidades de mais densa povoação, o

entretenimento da ama, da velha criada, da avósinha, contando historias aos pequenos para os ter quietos, ou os distrahir, ou premiar com um contosinho. Já pouco se cre nas bruxas, nas fadas e nos lobishomens e outros figurões da mythologia popular, e por isso torna-se hoje dúbriamente preciso a colleccionação d'esses spcimens do crã e sentir dos tempos passados. E a colleccção dos contos populares tem hoje um fim scientifico, constitue um ramo da sciencia historica, a mythographia; e o seu estudo é interessante para se conhecer as relações dos povos uns com os outros em tempos antigos, indo-se até á origem do conto, examinando por que meio e caminho percorreu os diversos povos, e que transformações cada um lhe imprimiu, etc.. É por isso valio-i-simo e necessario o trabalho do sr. Adolpho Coelho, apesar das imperfeições que o consciencioso colleccionador lhe reconhece. Se elle podesse recolher esses contos em todas as partes do paiz, collacional-os, e descriminar de todas as variantes, a mais simples e primitiva, fazer a subdivisão dos que já andam misturados, e reunidos com outros, fóra o trabalho de mais subido valor. Ainda assim bem merece das letras pelo valioso serviço prestado; salve-nos estas reliquias, e que não desanime, e continue no seu afan tão proveitoso.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Capão d'oito mezes para a mesa de reis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6



PARTE DA AFRICA AUSTRAL COMO ANTES DA EXPLORAÇÃO DO MAJOR SERPA PINTO
A REPRESENTOU EM MARÇO DE 1879 O MAPPA DO SR. KEITH JOHNSTON DA SOCIEDADE REAL DE GEOGRAPHIA DE LONDRES



1 : 12 . 500 . 000
 Milhas Geographicas (15 = 1°)
 Milhas Maritimas (60 = 1°)

HYDROGRAPHIA DA AFRICA AUSTRAL. — Viagens de Livingstone, Cameron, Stanley e Serpa Pinto, através d'África
 TERRITÓRIOS EXPLORADOS PELO MAJOR SERPA PINTO